

21-01-2021

O ensino em 2021: aprendizagem virtual em nova ambiência

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.
Professor Adjunto da FACIS (UNEMAT- Diamantino)]

O ano de 2021 chegou e desde março fomos separados, relutamos, foi um desconforto só. O distanciamento social resultou em inventar outras formas para estarmos juntos e mais do que nunca, conectados. Os encontros ocorreram pelas “chamadas em www... e @”. Foi assim que, mesmo distantes, nos aproximamos dos (tele)familiares, (tele)amigos, teletrabalho e pudemos seguir com os (tele)estudos.

Quem diria?! Tudo mudou! É bem diferente daquele contato a que estávamos acostumados. Sobre o que foi e o que será, duas questões emergem para refletirmos: como será em 2021?

A virada do ano mudou tudo? Bem provável que não! No afã de explicar o cenário atual, a terminologia “novo normal” o adjetivou sem sucesso. É fato! Na história da humanidade houve vários novos normais e teremos outros até mais complexos, porque não se trata de um status transitório.

Uma coisa é certa! Continua(mos/remos) em modo remoto e com a restrição para os encontros, apertos de mão e abraços, isso não mudará. Até o momento, temos mais perguntas do que respostas e é nessa seara que emergem as questões-chave para pensar sobre o ensino: a aprendizagem tele-virtual é um novo ambiente ou é uma nova ambiência? Qual o futuro do ensino nesse cenário? E, para subsidiar esta discussão, se fez necessário, contextualizar o termo -ambiência-.

A Biblioteca Virtual de Saúde, define ambiência como o “*espaço físico, social, profissional e de relações interpessoais que deve estar em sintonia com um projeto de saúde voltado para a atenção acolhedora, resolutiva e humana*”. O dicionário online refere como “*espaço que envolve, que cerca os seres vivos; ambiente: viver numa ambiência agradável*”. A enciclopédia livre, Wikipédia, menciona ser “*o espaço organizado e animado que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas*”. A partir das definições anteriores, foi possível construir impressões sobre o termo “aprendizagem em nova ambiência”, que implicado ao texto propõe como o *processo contemporâneo de ensinar e aprender em ambiente virtual e de caráter exclusivamente remoto, que já ocorria anteriormente de forma complementar e, atualmente, se tornou mais do que um meio - uma forma, é um lugar*. O que nos paralisa mobilizou recursos e cientistas de variadas áreas do conhecimento e isso mudou o mundo que conhecíamos e, talvez, não se trate de um novo normal, mas de compreendermos a situação como a normalidade da vida humana em transformação. A internet, nesse contexto, foi essencial porque propiciou a troca de informações cotidianas e jornalísticas, científicas de banco de dados e as publicações acadêmicas.

O que seria da humanidade sem a internet?

A conjuntura nunca foi tão propícia para explorar os ambientes de plataformas virtuais, que antes eram complementares e agora têm relevância fundamental como meio de telecomunicação no processo de ensinagem (ensino-aprendizagem). Agora, é mais do que ter aulas, é sobretudo ambientar-se e preparar-se para inaugurar-se nas “lives” - ao vivo, “meetings” - encontros, teleaulas entre o síncrono e o assíncrono da revolução tecnológica em que se enquadrou o ensino e o ensinar. A acessibilidade aos ambientes virtuais via aparelhos portáteis foi o veículo mais importante de informações, para além da TV, cartazes informativos, entre outros. Porém, não se pode generalizar que toda a sociedade na atual conjuntura do país, assolado pela crise política, financeira e o caos em que se encontra o Estado brasileiro, prosseguiu na retomada do trabalho e dos estudos. Não houve implementação de política pública que garantisse a acessibilidade à internet popularizando-a e democratizando-a. E fica a questão a ser respondida pelos atuais e os futuros governantes: quais são e serão os projetos para a educação de agora e do futuro? A leitura do caótico cenário brasileiro, em que talvez pensem que haja início e fim naquilo que devemos e podemos saber, requer resgatar os propósitos de aprendizagem ininterrupta atemporal freireana para compreender que vivenciamos um paradigma em que o conceito de “aprender a aprender” não exige finitude, muito pelo contrário! Na luta pela garantia do acesso ao ensino para todos e todas, ele próprio (Freire) defendeu que é “preciso descolonizar o saber para descolonizar o poder”. Trocando em miúdos, é preciso democratizar o acesso à educação e soltar as amarras entre o dominante e o dominado. Só assim haverá a transformação necessária entre o velho para o novo com a devida consciência social, e mesmo despertos, humildemente devemos reconhecer que *sabemos um pouco de quase tudo e, por isso, sabemos muito de quase nada*. Se teremos repercussões gravíssimas na educação após a pandemia, já se questionou quem serão os educadores e profissionais? Ensinar exige para além de dominar e manusear equipamentos e plataformas.

É muito mais do que proporcionar ambientes virtuais e garantir acesso à internet. É um compromisso moral e social com o nação brasileira. Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) resignificaram o ‘habitus’ e o ‘campo’, influenciaram o fenômeno do capital intelectual incorporado aos espaços de lutas, *ethos* - o código de valores intrínsecos à relação de educador e educando. Ambos os conceitos à luz da teoria de Bourdieu, exprimem a importância de valores simbólicos, éticos e estéticos de um futuro já presente e que nos impele a colocar em questão: qual será o perfil profissional da geração de formação remota e híbrida?

continua

<p>Ao obter alguma resposta talvez possamos relativizar o imbróglio que transformou a educação num produto, um bem de consumo, viabilizado pelos algoritmos da internet. A Rede Virtual traz consigo um capital cultural incorporado que transformou o <i>'modus operandi'</i> da ambiência e é por ela que se instrumentaliza, o encontrar, dialogar, aprender e ensinar, influenciando e transformando a relação da educação com professores e estudantes do coletivo global. É possível afirmar que é nesse cenário de distanciamento social que o ensino remoto se potencializou e ao mesmo tempo, imperceptivelmente, se reconfigurou, impulsionado pela diversidade de softwares que revolucionou e revolucionará a forma de 'ensinagem'.</p>	<p>À frente, talvez a liquidez 'baumaniana' explique a velocidade e o obsoletismo do uso e desuso desse modal de ensino virtual. Devemos alavancar os debates junto à sociedade de forma que todos dialoguem sobre as transformações ocorridas que já nos 'encabula', e não sobreviveremos por muito tempo sãos na ambiência de ambientes (virtuais). O assunto parece pouco debatido e sem rumos. É uma casca de banana deixada para que escorreguemos. Já é tarefa para pensar: o que será e sobrar da educação que conhecemos no pós-pandemia? Sigamos os passos de Geraldo Vandré em <i>'Pra não dizer que não falei das flores'</i>: <i>"vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora. Não espera acontecer"</i>. ■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	